

O TER E O SER

«Quem não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo»

Dois caminhos têm sido seguidos pelo Homem: o caminho do ter, que diz respeito àqueles que tomam a vida material como base da sua existência; o caminho do ser, por aqueles que percebendo que a vida não se limita à existência terrena, procuram saber quem são e qual o seu desiderato.

São duas atitudes aparentemente incompatíveis: “Ter ou Ser”.

Pelo caminho do ter dificilmente se penetra no caminho do ser, pois que o ter ocupa obsessivamente o Homem, não só por ter cada vez mais, como ainda pelo domínio ansioso de conservar aquilo que tem na ilusão de possuir a felicidade e a tranquilidade, na perspectiva de segurança que lhe proporciona a abundância terrena.

Nesta luta efémera, continua o Homem a criar em si o egoísmo, a desumanidade, o salve-se quem puder, cada um que se arranje não importa como desde que se sinta seguro e nada lhe falte.

Isto, mesmo que haja milhões a morrer de fome, de falta de saúde, que tenham uma vida degradada, que haja guerras e disputas; o que importa é que se obtenha cada vez mais para aqueles que as fomentam e que acompanham as notícias tranquilamente nos fofos recantos das suas belas casas ou aprazíveis escritórios, dos quais dirigem as operações.

Só que ninguém pode servir a dois senhores.

Ou se vegeta sendo alguém milionário no plano horizontal dos seus teres ou se vive em realidade e é alguém no plano vertical do seu ser.

No primeiro, sobrevém a desilusão porque tudo termina, tudo tem um fim, enquanto que no plano real da vida nada finda porque se entra no infinito e nada é observado por quantitativo mas por qualitativo.

No segundo, tudo se tem não tendo nada porque aí se encontra a zona vertical, qualitativa, infinita, em que o homem apenas é, e ser é tudo.

Os mais avisados resolvem renunciar a todos os seus teres e isolam-se no puro ser, isto é, na divina essência do seu eu superior, o seu Cristo interno.

Por mais tenebrosa que pareça essa renúncia incondicional ao homem profano, ela é grandiosa porque possui a fascinante sacralidade de não tendo nada, tudo possuir.

Sendo Jesus e o Pai, Um, encontra-se este na zona do ser e a sua sapiência leva-o a aconselhar o Homem:

«Quem não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo»

Ele sabe perfeitamente que o Homem dominado pelo seu ego físico, mental e emocional não tem condições algumas para atingir a vivência eterna da vida, porque está sob a influência do príncipe deste mundo.

Qualquer ter ou posse de objectos externos, impede o Homem de ser discípulo de Jesus porque este tinha atingido o amor Divino, não tinha onde reclinar a cabeça, nada tinha porque tudo era, o seu ter descera ao ínfimo nadir, quando o seu ser atingira o supremo zénite.

E para mais não ter para tudo possuir, renuncia por fim até ao corpo físico, para poder entrar em sua glória.

Pode parecer estranho, e humanamente impossível, esse propósito de Jesus.

No entanto, as suas palavras não admitem vestígios para dúvida, são inexoravelmente claras: «Qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo» (Lc 14,33).

Tudo, sem excepção de coisa alguma. O episódio trágico do jovem rico é uma ilustração clássica para esta verdade austera.

Tudo quanto o Homem possui em bens terrestres torna-o dependente e escravo. O reino dos céus é somente para as almas completamente livres.

Enquanto o Homem tem algo que o mundo lhe possa tirar, ou deseja algo que o mundo lhe possa dar, não é definitivamente livre e, por isso, não pode ser discípulo daquele que venceu o mundo.

Os nossos teres quantitativos excluem-nos do reino dos céus, o nosso ser qualitativo faz-nos entrar no reino dos céus.

Aproximamo-nos de Deus na razão directa do que somos e na razão inversa do que temos. Porquê?

Porque o ter é nosso. O ser é de Deus.

O ser consiste na consciência da verdade sobre nós mesmos. Se conhecermos a verdade sobre nós mesmos, seremos livres.

«Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará», (Jo 8,32) disse Jesus.

Quando atingirmos as alturas do Filho do Homem seremos realmente livres.

A verdade libertadora sobre nós mesmos está na experiência íntima da nossa essencial identidade com Deus – eu e o Pai somos Um – e na completa harmonia da nossa vivência quotidiana com essa verdade suprema.

O ter, portanto, é dos profanos, dos ignorantes da ciência do espírito. O ser é dos iniciados.

Quanto mais cresce o ser do Homem, mais decresce o seu desejo de ter.

Quando o Homem chegar ao patamar evolutivo da sabedoria com tudo isto resolvido, alcançando o primado do Filho do Homem, mergulha no oceano absoluto do amor Divino onde não existe a necessidade de ter porque se é ser.

Por esse motivo consciencial de Ser nos diz Jesus: «Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois Deuses? Pois, se a lei chamou àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida – e a Escritura não pode ser anulada – Aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas; porque disse: Sou Filho de Deus?» (Jo 10,30-42).

Defendia-se Jesus quando atacado por se dizer Filho de Deus. «Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas; porque eu vou para o Pai» (Jo 14,12). «Direis a este monte: passa daí para acolá e há-de passar; e nada vos será impossível» (Mt 17,20).

O monte ou a montanha é a nossa escravidão aos valores do mundo, que mudou para o lugar onde existem os valores Divinos.

Assim nos disse Jesus que aquele que não renunciar a tudo o que tem não pode ser seu discípulo.

Devemos perguntar: não é necessário que o Homem, aqui no mundo, possua certas coisas? Poderá ele viver decentemente sem possuir nada? Bastará aqui na Terra o simples e puro ser? E, na realidade, não há compatibilidade entre o ter e o ser?

Vamos tentar responder em face da estrutura social que o próprio Homem criou. Porquê?

Porque a estrutura social que o próprio Homem criou é um mau produto da má gestão do seu livre arbítrio, que deu lugar ao ego humano que conhecemos e a partir do qual nasceu a estrutura social em que estamos enquadrados.

O mundo em que vivemos possui todos os recursos necessários para que não haja fome, doenças, desigualdades, guerras, ódios, orgulhos e malquerenças.

Neste contexto em que nos movemos, o Homem pode beneficiar das coisas do mundo, se as usar não como propriedade sua mas como simples administrador dos bens que o Creador pôs à sua disposição, sabendo que nada lhe pertence, mas que a dádiva é para todos, pelo que deve servir a todos.

É possível o Homem ser discípulo de Jesus e administrar parte dos bens de Deus, servindo-se e ao mesmo tempo beneficiando os outros filhos de Deus, seus irmãos.

Disse Jesus: «Amai o próximo como a vós mesmos».

Deus é o único dono, proprietário e possuidor de todas as coisas que criou. Nenhum homem é dono de coisa alguma.

Esta é a razão porque nenhum discípulo de Jesus se considera possuidor, dono ou proprietário do dinheiro ou de quaisquer outros bens materiais que, por teste ou empréstimo, estejam sob a sua administração.

Ele sabe que a verdadeira vida não possui nada disso e também que da sua administração terá que dar inequívocas contas à consciência universal e ao legítimo senhor e proprietário.

Ninguém tem direito exclusivo daquilo que é de todos.

Jesus e seus discípulos tudo repartiam porque sabiam que a cobiça é a raiz de todos os males, conforme afirmam os chamados livros sacros.

Todo o Homem, que atingiu a plenitude do seu ser pelo acordar da consciência cósmica, perde toda a noção de posse e propriedade.

Ele experiencia a tranquila felicidade de possuir tudo, sem possuir nada.

A Deus o que é de Deus, a César o que é de César.

Proceder assim seria uma loucura, dizem-nos os profanos do espírito.

Segundo Paulo de Tarso: «A loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria dos homens e a fraqueza de Deus é mais forte que a força dos homens» (1Cor 1,25).

O Homem sábio das coisas de Deus está no mundo sem ser do mundo.

10-09-1980 Abrame